

## **CARTA AOS LEITORES DA REVISTA CAMPO MINADO**

Perla Alves Bento de Oliveira Costa<sup>1</sup>

Eu me chamo Perla Alves Bento de Oliveira Costa, tenho 42 anos, 2 filhos, sou viúva e sou praça policial militar há mais de 20 anos. Além disso, atuo como Professora, Coordenadora Pedagógica, Instrutora na PM e na SENASP, sou Parecerista de Revista Acadêmica e publiquei alguns artigos acadêmicos.

Quanto aos meus estudos, comecei pelas graduações. Sou Pedagoga pela UERJ e Tecnóloga em Segurança Pública e Social pela UFF, sendo parte da primeira turma do curso, o que é motivo de muito orgulho para mim.

No que diz respeito às pós-graduações *lato sensu*, sou especializada em Direito Administrativo pela Faculdade Única, Política e Gestão em Segurança Pública pela Universidade Estácio de Sá, e Organização e Gestão em Justiça Criminal e Segurança Pública pela UFF.

Na área do *stricto sensu*, obtive o título de mestre e doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito pela UFF.

Se você, caro leitor, acha que eu utilizo este currículo (que considero legal) para me sentir superior aos outros, lamento informar que está muito enganado. Quando olho para essa lista de formações, lembro-me de uma Perla que nasceu em Italva (no interior do estado do Rio de Janeiro) e sempre sonhou em ser doutora. Hoje, aquela menina é uma mulher forte e com um currículo legal, certo?

Se você, caro leitor, acha que todo esse conhecimento é desnecessário por eu ser praça da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, novamente discordo de você. Além disso, foi a partir desses estudos que pude, de forma profissional como pesquisadora, questionar diversas práticas que muitos consideram naturalizadas. E, a partir dessas inquietações, pesquisei sobre Segurança Pública.

Antes de prosseguirmos, é necessário que você, caro leitor, entenda que sou muitas Perlas. Uma delas é 1º Sargento da PM, e outra é uma pesquisadora vinculada ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia – Instituto de Estudos Comparados em Administração

---

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia e Direito pela Universidade Federal Fluminense. Pesquisadora do INEAC/UFF

Institucional de Conflitos (INCT-InEAC/UFF). Como pesquisadora, publiquei alguns artigos acadêmicos em revistas e livros, participei e ainda participo de eventos acadêmicos (no Brasil e no exterior), apresentando minhas pesquisas e trocando experiências com outros pesquisadores. Em diversos momentos, essas Perlas entram em conflito, mas convivo bem com isso!

Não pense que foi fácil chegar até aqui ou que não pegaram pesado comigo durante o caminho. Às vezes, tenho a impressão de que tudo o que aconteceu nesta jornada foi uma tentativa clara de me fazer desistir. Ah, mal sabiam que eu queria muito, muito mesmo, e que, provavelmente, nada me faria parar.

Iniciei o mestrado em 2016 e logo no início do curso, minha avó faleceu. No ano seguinte, foi à vez do meu marido. No meio de tudo isso, eu estava cheia de energia no mestrado (realizando um sonho) e com um monte de questões pessoais e familiares para enfrentar. Lembro claramente que, quando informei ao meu orientador<sup>2</sup> que havia ficado viúva, ele me perguntou se eu gostaria de pausar o mestrado. Respondi de forma firme e decidida que não. Disse que aquele fato não iria retardar meu sonho.

Pouco antes do mestrado, enquanto estava trabalhando no expediente de um batalhão operacional convencional, vi no boletim da PM a oferta de uma pós-graduação em Campos, cujo título era "Pós-graduação em Organização e Gestão em Justiça Criminal e Segurança Pública" pela UFF. Pedi autorização na PM para me inscrever no processo seletivo e fui aprovada.

As aulas eram terça e quinta em Campos, e eu trabalharia no batalhão, em Friburgo, segunda, quarta e sexta. Essa decisão foi, com certeza, a mais louca que tomei na vida por uma razão simples: eu basicamente morava dentro do ônibus, esperava ônibus de madrugada sozinha (e muitas vezes uma viatura ficava ali perto), ficava acordada de madrugada na rodoviária aguardando o horário do ônibus, e por aí foram dois anos. Às vezes, acho que só este curso renderia outra tese de doutorado! Mas, lá em Campos, conheci algumas pessoas que me apoiaram<sup>3</sup> (e muito neste caminho até o doutorado).

---

<sup>2</sup> Meu orientador no mestrado e no doutorado: Doutor Frederico Policarpo de Mendonça Filho, para os mais chegados, Fred.

<sup>3</sup> Em Campos eu conheci a Doutora Gláucia Mouzinho (minha orientadora na pós) e o Doutor Marcos Veríssimo (meu professor, através das leituras indicadas por ele, conheci Fred. E esteve presente desde a pós em Campos até a banca de defesa da dissertação e da tese).

Às vezes penso que, durante este período da minha vida, não pude acompanhar o crescimento dos meus filhos nem o envelhecimento da minha mãe e da minha avó. Certamente poderia ter convivido mais com o meu falecido marido, mas acredito que era algo que eu queria muito. Eu, Perla, queria demais. Tenho plena consciência de que o processo de escolha é sempre excludente: quem escolhe uma coisa, não escolhe outra. E então, você, nobre leitor, deve estar se perguntando se sinto uma pontinha de arrependimento pelas minhas escolhas, e novamente a resposta é não. Eu digo e faço o que julgo necessário. Estou longe de ser a mãe ou a filha ideal; todos os dias me esfoço para ser aquilo que consigo ser. Eu me esforço? Sim. Eu fico desesperada com essas questões? Não.

Como mencionei anteriormente, sou da primeira turma do Tecnólogo. Certa vez, o Coordenador do curso<sup>4</sup> visitou o meu polo e isso mudou minha vida! Após uma conversa com a turma, a Coordenadora do polo e eu fomos tomar algo com ele e algumas alunas que o acompanhavam. (Eu não consumo bebidas alcoólicas, então, optei por refrigerante). Nessa noite, contei a ele que meu sonho era ingressar no mestrado, mas não sabia como fazer. E foi nesse dia, à mesa de um restaurante, que ele me deu uma orientação que mudou o rumo da minha história. Ele disse: “Você precisa aprender a ler um artigo acadêmico para fazer a prova”. Pouco tempo depois, o processo seletivo abriu e me inscrevi.

O processo seletivo consistiu em uma prova de textos, uma prova de inglês, entrevista, pré-projeto e análise de currículo. As etapas aconteciam todas as segundas-feiras e aquele mês foi o mais longo da minha história. A primeira prova continha nove textos, sendo cinco relacionados ao direito e quatro relacionados à sociologia, dada a natureza interdisciplinar do programa.

Pense numa pessoa que estudou aqueles textos várias e várias vezes, fez resumos, mapas mentais, se explicou o que os autores estavam dizendo. Eu estudei muito, muito mesmo. Não conseguia conceber a ideia de não ser aprovada naquele processo. Todo aquele processo foi muito tenso e se resumia em lágrimas, seja de alegria pela aprovação, seja de ansiedade pelo resultado. E já adianta, o processo para ingressar no doutorado foi

---

<sup>4</sup> Professor Pedro Heitor de Barros Geraldo. Conhecemos-nos no Tecnólogo e ele compôs a minhas bancas de mestrado e de doutorado.

similar, a diferença foi que incluía inglês e francês nas provas de língua estrangeira.

Quando fui aprovada para o mestrado, foi insano o quão feliz e realizada fiquei. Foi uma sensação indescritível que se repetiu na aprovação para o doutorado e no final das duas defesas.

Mas, o que quero dizer com tudo isso? Quero dizer que quis muito (muito mesmo) e consegui. Não consegui sozinha, tinha e ainda tenho uma rede de apoio que me permite e estimula a estudar, refletir, questionar, escrever e me realizar todos os dias. Essa rede de apoio é formada pela minha família (minha mãe, irmã e meus filhos), algumas pessoas próximas, muitos policiais e muitos professores e colegas da Universidade.

Sim, isso para mim é muito importante. Qualquer pessoa que me conhece minimamente sabe o quanto esse assunto faz os meus olhos brilharem. (aproveito a oportunidade e te pergunto o que faz os seus olhos brilharem?).

Ah, mas e a PM, foi tranquila? Então, sim e não. Para o mestrado, tive incentivo da PM através do Programa de Incentivo à Qualificação, o que me permitia ser liberada para assistir às aulas, participar de eventos e não ser escalada para serviço extra (exceto em grandes eventos), ou seja, fluiu bem. Porém, o que mais me chamou a atenção naquela época, sociologicamente falando, foi ser submetida a uma banca de oficiais que avaliaram a pertinência do meu pré-projeto e se era conveniente ou não eu integrar o Programa de Incentivo. O cenário foi estranho, pois após a aprovação na UFF fui submetida à outra banca, e ao contrário da primeira, esta não era composta por professores/doutores, mas apenas por oficiais. (mas, isso é uma longa discussão)

Além disso, quando o assunto é PM, percebi que os policiais tinham dificuldade em entender que na pesquisa acadêmica eu não tinha interesse em atribuir juízo de valor. Minha preocupação enquanto pesquisadora é entender como as práticas funcionam. No entanto, meu pré-projeto e toda minha pesquisa acadêmica giram em torno da relação dos policiais com as drogas, então, já viu, né! Por mais que eu dissesse que meu interesse era compreender como as relações sociais ocorrem, alguns policiais achavam que eu estava tomando partido dos criminosos. Às vezes, me intitulavam de "*gansóloga*" numa tentativa de associar meu estudo. Sobre essa categorização dos '*gansos*'<sup>5</sup> observo que diante dos

---

<sup>5</sup> “Ganso é o usuário de drogas que, por andarem em grupo, e realizarem movimentos dos braços e do pescoço, assemelha-se a um bando de ganso”. Ganso é uma categoria nativa presente entre os policiais

meus posicionamentos e inquietações, eles não apresentavam autoridade de argumento, então buscam desqualificar minha formação atribuindo-me uma titulação pejorativa de defensora dos “gansos”, apresentando assim o argumento de autoridade ao dizer que “*na rua é assim*” ou que “*falar é fácil porque não estou na viatura*” ou ainda, “*você fica lá com esses maconheiros da UFF, e fica aí cheia de ideias*”.

Quando comecei o mestrado, eu me sentia, como meu amigo e professor Marcos Veríssimo me disse uma “piramboia”, pois, na PM eu era uma estranha porque estava na UFF e na UFF eu era uma estranha porque estava na PM.

Já caminhando para o fim, gostaria de dizer com toda essa história que acredito no poder transformador da educação. Acredito que a educação transforma a vida das pessoas, assim como transformou a minha. Nada foi fácil, nunca foi fácil. Mas, eu consegui. E, se eu consegui você também consegue!

Quando recebi o convite para escrever esta Carta, um filme passou pela minha cabeça e várias lágrimas rolaram. Em um evento comemorativo, a Coordenação da Revista tinha inúmeros grandes nomes para escolher, e o convite veio para mim. Acredito que aquela menina de Italva está feliz em ver aonde nós chegamos e o caminho que ainda podemos percorrer.

Não desisti em nenhum dia. Quis muito, todos os dias. Hoje, vivo a realização de um sonho. Sempre sonhei em ser doutora. Se não tivesse nenhum retorno financeiro por conta deste título, estaria tudo bem. Ser doutora, para mim, da realidade que tinha, é uma situação que dinheiro nenhum no mundo satisfaria.

Não sei a razão pela qual você chegou até aqui, e também não te conheço, mas gostaria de dizer que se você consegue sonhar, você consegue realizar. Acredito que quando desejamos algo, algo em nós diz que já é. Porém, existe uma grande distância entre o querer e o realizar, essa distância chama-se 'Pagar o preço'. E minha pergunta é: você está disposto a pagar o preço?

Para concluir, gostaria de convidá-lo (a) a ler esta edição muito especial da Revista Campo Minado. Apresentamos aqui um conjunto de trabalhos enriquecedores que certamente o (a) convidarão a refletir sobre a temática da Segurança Pública.

Desejo boas reflexões e inquietações a todos!